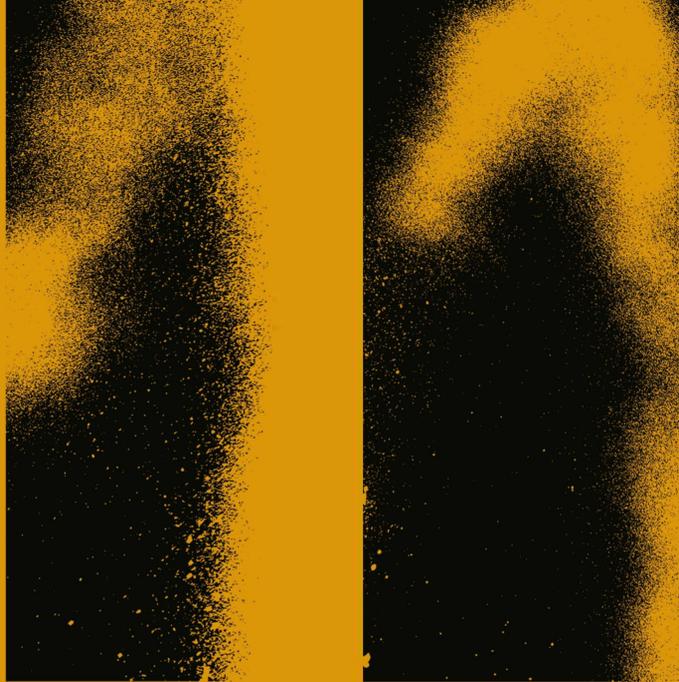


Pra  
onde  
agora?



NOVAS  
FREQUÊNCIAS

FESTIVAL FOR EXPERIMENTAL MUSIC AND SOUND ART. RIO

W



Pra onde agora?

“No future, no future, no future for you”  
Sex Pistols (“God Save the Queen”)

“O pesadelo ambicioso é a criatura que surge das entranhas da mente coletiva, individual, como entidade-encarnação de um desejo apocalíptico, uma intenção muito obscura de juízo final ao término de cada dia.”

Fausto Fawcett (trecho de *Pesadelo Ambicioso*, obra realizada em parceria com o Chelpe Ferro para o projeto Audiodrama no CCBB Brasília)

“A luta da descolonização é sempre uma luta pela abolição do ponto de vista do colonizador e, conseqüentemente, é uma luta pelo fim do mundo — o fim de um mundo. Fim do mundo como o conhecemos.”

Jota Mombaça (*Não vão nos matar agora*)

“É preciso reinventar tudo de novo, o direito, a política, as artes, a arquitetura, as cidades; mas também é preciso — o que é ainda mais estranho — reinventar o próprio movimento, o vetor de nossas ações. Em vez de seguir adiante no infinito, temos de aprender a recuar, a nos desarticular, diante do finito. Essa é outra maneira de se emancipar, uma forma de tatear o problema, e curiosamente, de se tornar capaz de reagir. Sei bem que reagir e reacionário têm a mesma raiz. Mas fazer o que, se seguir sempre em frente era o que nos aprisionava, e se aprender a recuar é o que pode nos desconfinar? Temos de redescobrir as capacidades de movimento, as potências de agir.”

Bruno Latour (*Onde estou? Lições do confinamento para uso dos terrestres*)

Ao longo da última década, publicamos catálogos impressos bilíngües das edições anuais do festival. Estes livretos, com tiragens que podiam variar entre

300 e 600 exemplares/ano, possuíam mais ou menos a mesma fórmula: pequenas biografias dos artistas convidados, textos institucionais e de curadoria, ensaios e artigos comissionados a pesquisadores, articuladores e outros profissionais envolvidos com a cena que se relacionavam com as programações vigentes.

O parágrafo acima foi retirado ipsis litteris do livro, também com editoria da Numa, *Estudando o som: os 10 anos do Festival Novas Freqüências*. Na ocasião, escrevi para salientar a diferença entre a publicação comemorativa — uma antologia de 20 textos comissionados — e os tais catálogos. Agora, re-escrevo-o para inaugurar uma nova fase em relação às publicações anuais vinculadas ao festival. Depois de 10 anos e uma espécie de conclusão de ciclo, não me parece fazer tanto sentido publicar anualmente um catálogo mais tradicional, destes com fotos, bios e sinopses das obras/performances. Que o papel seja usado para fins mais instigantes. Que as vozes dos artistas convidados para as programações do NF reverberem nessa nova coleção que se inaugura: uma zine ou revista (e isto depende dos seus olhos) de tiragem limitada (mas com versão digital) que traz questões que se relacionam com os temas conceituais propostos pelo festival. Em outras palavras, uma publicação sem regras, que pode assumir formatos diferentes a cada ano, produzindo conhecimento, aprofundando e alargando pensamentos, gerando acervos teóricos, estéticos e afetivos. Uma espécie de carta aberta para parte do line-up usar como queira.

“Pra onde agora?”, a pergunta tema do #NF2021 que funciona como gatilho norteador da programação, é uma das questões mais emblemáticas do tem-

po presente. A humanidade parece se encontrar totalmente perdida em uma espécie de beco sem saída, labirinto ou encruzilhada. Estamos vivendo, entre muitas outras coisas, retrocessos político-sociais, uma devastação que parece não ter fim no meio ambiente, crises de pânico e ansiedade se tornando cada vez mais corriqueiras, relações de trabalho mais nocivas e até mesmo a volta inacreditável da fome no Brasil. Para um festival que busca se transformar a cada ano, precisamos encontrar outros caminhos para continuarmos relevantes, nos desafiando a todo o momento. Quando lançamos essa pergunta-provocação aos artistas da programação, é como se estivéssemos pedindo ajuda para que eles nos guiassem em direção a futuros possíveis pós-pandemia. Amanhã, entre outras coisas, mais justos, humanos e ancestrais. Que Brasil queremos no presente? Em que Terra viveremos?

Obrigado pela confiança, Ana Lira, Aishá Lourenço, Elton Panamby, Brisa Flow, MIHNA, Coletivo Turmalina, Nicole L'Huillier, Novíssimo Edgar, Marabu, Levi Keniata, Beré Magalhães, Marcos Campello, Pedro Oliveira, Sara Não Tem Nome e Wellington Gadelha.

Agradecimentos mais do que especiais à toda a equipe que faz parte do Festival Novas Frequências (Val, Nat, Ray, Cida, Ione...), à Oi/Oi Futuro (Victor, Lu, Bruna, Sandro...) e a Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (Danielle, Conceição...).

Gratidão eterna, Adriana Maciel e Numa, por mais esta parceria. <3

Chico Dub  
dezembro de 2021

Chama  
(Ana Lira  
convida  
Aishá  
Lourenço e  
Elton  
Panamby)

*... navegando entrefâscias para sentir  
as viradas em intuição*

Para vivenciar as respostas de... navegando entrefâscias para sentir as viradas em intuição nós iniciamos uma conversa sobre referenciais sensoriais que nos guiaram durante a vida e foram essenciais para nos movermos nesta fase que se iniciou entre 2019/2020.

A fâscia surgiu em uma conversa com Aishá Lourenço sobre contextos que transitam nos limites entre estados diferentes. Ela chegou primeiro como referência da lâmina d'água e a dimensão de que, nesse espaço-lâmina, água e ar transitavam suas propriedades físicoquímicas como as conhecemos e, também, outros estados intermediários que permitem a existência e a densidade de sua interface.

Uma segunda referência veio em seu aspecto de membrana que fornece sustentação e apoia os movimentos corporais. Fomos presenteades por Elton com o desafio de olhar como as movimentações ocorrem diante deste limiar criado pela pandemia. Passamos a nos perguntar — como nos deslocamos? Quais as possibilidades de expansão para quem esteve em quarentena e para quem precisou estar na rua? Em quais estados de imersão nos vimos envolvidos?

Os atravessamentos das diversas naturezas que nos cruzam fizeram-se presentes nas conversas porque a pandemia expandiu os campos sensíveis de todes nós. Fomos apresentades aos estados-limítrofes de muitas vivências que desejamos e de situações que não gostaríamos de experienciar. Mergulhamos de forma muito intensa em nossas potências e produzimos estados criativos que, nos desvios-dos-dias-fora-de-casa, jamais teríamos concebido; mas, ao mesmo tempo, vimos

aspectos deste “fora de casa” assombrar nossos dias por meio de escolhas políticas que causaram danos irreparáveis.

A pergunta “pra onde agora?” é muito interessante porque ela nos entrega o presente de sonhar que para certas estruturas avariadas de poder não há retorno. Cada vez que insistimos em “voltar ao normal”, as variantes aparecem para nos alertar sobre desvios e estratégias de viver; para nos dizer que é preciso estar entregue à deriva-atenta. Esta (re) descoberta sobre como nos movemos no mundo e circulamos em contextos de biocontrole nos ensina a observar como os povos dos quais descendemos migraram em fases de adversidade; e como eles codificaram em nossos presentes físicos e metafísicos estratégias de observar os fluxos do próprio planeta.

Fiquei por vários momentos estudando movimentos de placas tectônicas no magma e as entregas que elas produzem por meio dos vulcões, quando se embrenhavam umas nas outras. Observei ainda como reagimos, no cotidiano, a estes moveres quase-imperceptíveis. Elton observou este mesmo movimento nas viradas de marés de mangue-seco. Fizemos uma série de experiências de gravações sonoras com as águas, ventos e tempestades que assolaram o nordeste este ano, tanto em Pernambuco quanto no Maranhão. Dias de intensidade em que a natureza deu as cartas e moveu nossas estruturas internas, também.

Acelerações, erupções, desvios...  
corpes em estados-lâmina | lâmiad'água  
| lâminaluz | lâminálágrima

Dialogamos nós três sobre transição/  
transmutação e vimos como as nossas  
próprias vivências foram manifestando  
estes estados por meio da criação/

adaptação de instrumentos e artefatos. Olhamos para nossas casas e vimos que todes tínhamos criado algum instrumento ou aprendido a construir com materiais que chegassem onde nossos desejos sonoros habitam. Esta era mais uma interface que nos conectava, apesar das experiências distintas com som. Eu e Elton somos artistas visuais que temos vivências sonoras de amplas naturezas. Aishá é percussionista há 21 anos [no momento dessa escrita].

Elton também orienta processos construtivos, Aishá tem se embrenhado pelos sintetizadores e eu venho experienciado os tambores como ativadores dos chamados coletivos em situações de migração/diáspora. Estas trocas propiciaram perguntas norteadoras: quais sons produzimos em contato com objetos que não havíamos tocado antes? Ou com instrumentos que descobrimos no tocar suas maneiras de interagir? Ou como construímos manifestações físicas dos sons que desejamos? Ou que incorporam estados em que os corpos são orientados por dinâmicas não-ditas? Se as fâscias que guiam os movimentos vêm das encantarias, quais sons elas produzem?

Se a guiança tem outras sintonias, como elas podem se manifestar? Transformei traços em desenho-roteiro; bordado, ele orientou dinâmicas sonoras e recuos. Formas internas enunciaram instrumentos possíveis e seus desdobramentos construtivos. Vestígios delas entraram em sintonia com indícios de sonoridades. Precisamos refazer o caminho algumas vezes para fisgar ritmos latentes, e essas descobertas nos fizeram entender que o limiar é um portal.

Quais imagens navegam o entre-do-entre? Quais visualidades tateiam nossas escutas ou propostas de?

A palavra entrefâscias foi criada como possibilidade de lanterinar um pouco desse imaginário. Encarar a complexidade das perguntas que fizemos e os desafios de nos compor como seres transitantes entre densidades e alívios foi bem importante para materializar este possível. Permitir estados-de-toque significou sustentar os movimentos dos nossos corpos para sentir vibrações e deslocamentos internos e suas maneiras de antever nossos movimentos no mundo.

Por um tempo ficamos em suspenso sobre as respostas materiais para este fluxo. Encontrar o caminho de uma peça sonora com tantos instrumentos e possibilidades de edição foi desafiante, mas quando aconteceu rotas múltiplas se abriram para futuras criações. Somos capazes de voltar para as mesmas bases e produzirmos outras soluções sonoras igualmente instigantes — e, diante das tensões da pandemia, sentir isso foi muito bom.

Esta experiência, contudo, foi potencializada porque Erlânia Nascimento não virou as costas quando pedimos apoio para finalizar as dinâmicas. Informei que o roteiro do som foi um desenho e que o roteiro do audiovisual era o som. Ela riu, e ouvimos juntas. A sinergia com a proposta foi tão fluida que agradecemos sua chegada — ainda que nas últimas semanas do fluxo.

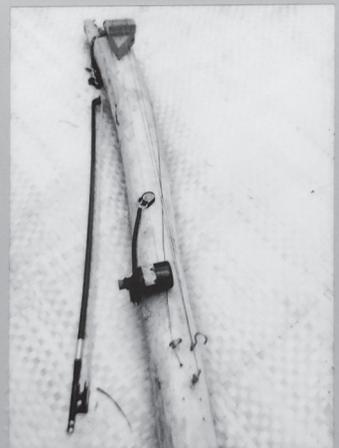
A vídeo-experiência final foi guiada primeiro pelo desejo de conhecer as desembocaduras, os lugares onde os rios confluem, as interfaces dos trajetos que movem outras vi(d)as da cidade; em seguida pelos códigos de transmutação dos ciclos da natureza, uma vez que mudanças sutis neste campo redefinem direito à vida, políticas públicas de acesso, alimentação e moradia, biopolíticas, fluxos

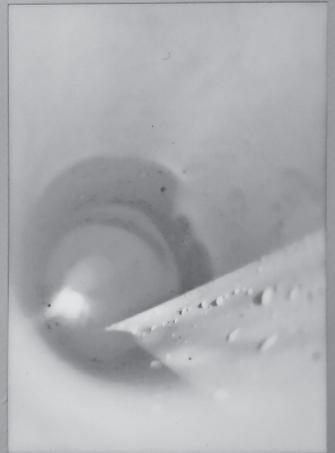
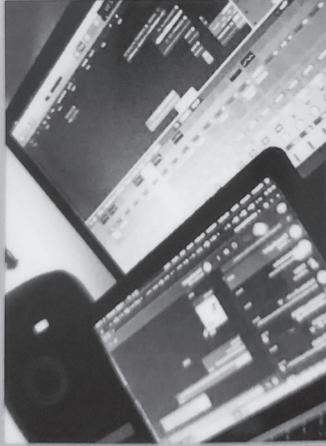
de deslocamento/migração — e tantas outras coisas que nem temos ideia.

Trafegar entre as rotas que nos conectam do ponto-água às suas mais complexas manifestações, produzidas nas relações com os demais elementos-síntese da natureza, nos mostraram uma gama ampla de respiros possíveis diante dos tantos sufocamentos étnico-políticos. Encontrar estas respostas, neste momento, foi essencial para atravessar mais um estado de alerta que se anuncia; e igualmente importante para compreender a amplitude de contextos que ainda podemos elaborar se escutamos-sensoriamos os legados que nos deixaram articulando-os com a sabedoria de que somos o presente de uma ancestralidade em vibração.

...navegando entrefáscias para sentir as viradas em intuição é o nono fluxo da vivência CHAMA, realizada para o Festival Novas Frequências — 11ª Edição — Pra onde agora? com apoio do CCBA (Recife) / Goethe Institut.







# Coletivo Turmalina

Dirigido por GOLETTINO

PHARMACIA

CHICO PRODUTOR TITULAR FAYLON Lima DIREÇÃO EXECUTIVA IMBFICTION DESIGN LUIZ Gustavo Paines CAPTAÇÃO MARCUS Felix TITULO SONORA MARI Gonçalves TEXTO E NOTÍCIAS  
NICOLAS Collar Medeiros EMBAIO E CAPTAÇÃO "O LIVRO" PIANKI PRODUTOR TITULAR SASKIA Silva EMBAIO E CAPTAÇÃO "TERRA FIRME" E "A BALANÇA" MATEUS Miranda Ribeiro SONOPLASTA

PHARMACIA

O LIVRO  
TERRA FIRME  
A BALANÇA

ה

ש

ה



ה

ה

ה

CHICO PRODUTOR TRILHA FAYLON Lima DIREÇÃO EXECUTIVA  
NICOLAS Collar Medeiros EDIÇÃO E CAPTAÇÃO



R

# Aganjú Álbum Visual

Dirigido por COLETIVO



Cinema Experimental  
NERO



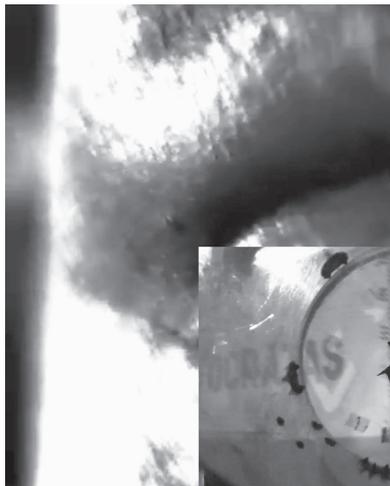
# O LIVRO

# TERRA FIRME

# A BALANÇA

IMAGINATION DESIGN LUIZ Gustavo Paines CAPTAÇÃO MARCUS Felix TRILHA SONORA MARI Gonçalves TEXTO E ROTEIRO  
PIANKI PRODUTOR TRILHA SASKIA Silva EDIÇÃO E CAPTAÇÃO "TERRA FIRME" E "A BALANÇA" MATEUS Miranda Ribeiro SONOPLASTIA

L

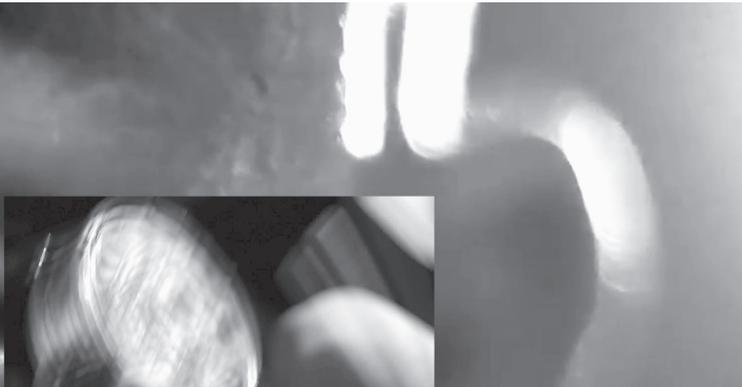


Dirigido por COLETIVO

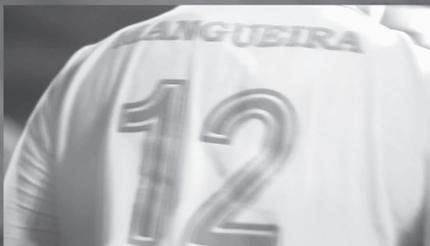


CHICO PRODUTOR TRILHA FAYON TILHA MARI GONCALVES IMFICTION DESIGN UN Gustavo Paines CAPTILAO MARCUS Felix TRILHA SONORA MARI GONCALVES

# ALCEGA



NICOLAS Collares deiros EDIÇÃO E CAPTAÇÃO "O LIVRO" PIANKI PRODUTOR TRILHA SASKIA SIMON EDIÇÃO E CAPTAÇÃO "TELA FRIDA" E "A BARRAGEM" MATEUS Miranda Ribeiro SONOPLASTINW



# Porto Alegre - BR



Para entrar neste grande e sagrado espaço  
**é preciso pedir Agô.** Peça licença  
ao guardião das sete chaves que abre os  
caminhos e dá movimento ao Asé de fartura  
e prosperidade.

Ao cruzar seu assentamento, entregue  
moedas para que voltem multiplicadas.  
**Reverencie a encruzilhada localizada  
no centro do Mercado.** Território sagrado  
de encontro com a ancestralidade, que nos dá  
sentido ao futuro como potência de vida  
e de re-existência. **Território sagrado  
que nos abre os caminhos para  
a produção de outros tantos  
territórios.**

**Alupô  
Bará  
Elegbará!**



**WAO  
WABECILÊ  
WAÔ!**



**Vimos contar uma história pouco disseminada.** Vimos contar a nossa história que insiste em ser apagada. Vimos contar a vocês sobre a nossa Pequena Rio Grande África do Sul. Ela é feita de Batuque, de Ilê, de encruzilhada, de ferro, de palha, de mata, de trovão, de rocha, de raio, de rio e de mar.

**Nossa Pequena Grande África** se multiplica nas dezenas de terreiros espalhados pelo nosso território. **Nossa Pequena Grande África** ecoa tambores de sopapo, para tocar o Alujá e evocar o rei de Oyó. **Nossa Pequena Grande África** só entra no ilê com os pés descalços. Bate cabeça em frente ao quarto de santo e abre caminhos na encruzilhada toda a segunda-feira. **Nossa Pequena Grande África** oferece axés nas praças ou em pedras em frente ao rio. **Nossa Pequena África** é feita de justiça e conhecimento, oferecendo a firmeza necessária para que contemos essa história.



Na Encruzilhada mais democrática da cidade, o território Zaire se instaura trazendo consigo a imensidão do rio que levanta movimentos que colocam em dúvida a tal liberdade prometida pela lei áurea.

**“13 de maio traicão, liberdade sem asas, fome sem pão”.**

Ao som do Ilú, os alabês indicam o caminho para chegar até Palmares e saudar Zumbi, como o grande guerreiro que verdadeiramente representa nossa história de luta e resistência contracolônia.

**Nos quilombos, nos morros, nas comunidades, nas escolas de samba, nos bailes, nos terreiros, nas esquinas,** dizemos que povo que não tem virtude, acaba por escravizar. E assim, evidenciamos o **swingado do samba rock de bombacha e pele preta, ao som de pandeiro, cuica e tantan.**

arte é corpo é pulsação é sentido

Aganjú

é vida é movimento é dança é samba

Território é

é som é ancestralidade é diferença

é ritmo é liberdade é contradição

é utopia é Asé

TERRITÓRIO



Marabu

×

Levi Keniata

×

Beré

Magalhães

texto por Amanda Figueiredo

Durante cerca de um ano e meio me vi privada de habitar as ruas, você deve saber que uma crise sanitária silenciosa parou o mundo em 2020. Nesse período, senti falta das miudezas barulhentas que foram substituídas por um silêncio que nunca fez parte das ruas do meu bairro, no Capão Redondo, em São Paulo. O silêncio tomou o lugar das crianças brincando pela tarde, da gritaria por pipa nas lajes e afastou até o grave que pocalava nos altos falantes dos carros que passavam na rua de baixo durante a noite, a rua silenciosa é tão assustadora, que calou até os cachorros enraivecidos com o randandan das motos.

Duas doses e uma quarentena depois, retorno para os bares e os bailes, para os sambas de esquina, para a atmosfera noturna e o conforto caótico desse organismo vivo, solo-coletivo, de chão escuro e caminhos de se caminhar: a rua. Parece pouco usual sentir que esse lugar feito de concreto também é vivo, apelo para o imaginário infantil e me explico: criança ligeira, que brinca descalça, aprende cedo a observar as ruas para não se machucar, bota o chinelo na mão pra proteger a palma e confia nos olhos e ouvidos para não pisar em caco de vidro ou esfolhar o dedão na guia, criança rueira sabe mapear o melhor asfalto pro carrinho de rolimã passar, o morro mais alto pra pipa e todas as experiências que moldam o pertencimento e o ouvido aguçado para a rua; este espaço-corpo-lugar que tem suas entidades, seus habitantes e seus guardiões, por isso exige licença e mandingas para as esquinas que haveremos de pass-e-ar.

**“DE TANTO CORRER  
ME TORNEI O CAMINHO”**

É também na noite que a rua manifesta sua organicidade. Ao colocar os pés na rua, no meio dessa atmosfera densa e escura, nos sentimos livres para expurgar todas as neuroses que comeram a mente a semana inteira, é na noite que a gente roleta a cidade de bonde pra terapia de baile, que a pupila dilata e a vida pulsa de um jeito diferente, num ritmo que é ameno e frenético ao mesmo tempo. Me pergunto se a noite dá vida pra rua ou se a rua dá vida pra noite, o fato é que essas duas entidades, quando aliadas, fazem pulsar a vida e inspiram liberdade.

Liberdade essa que não é romântica ou cristã, é importante se despir das lentes coloniais para experimentar a liberdade das ruas deste lado do atlântico. Nessa noite que também é lugar, não há espaço pro bem-bem e mal-mal ou para a ausência de movimento constante, por isso é necessário malícia, sabedoria de mandingueira e escuta ativa ao colocar os pés no asfalto em noite de baile, de bar ou de qualquer vivência nesse espaço-corpo-lugar. As ruas são de Esú, movimento, por isso, toda noite é de fluxo.

**“EU POSSO OUVIR SEU MEDO MAS NÃO SEI QUAL O MOTIVO QUER ENTRAR PRA VER O CAOS MAS NÃO QUER VIVER CONFLITO”**

Você já saiu à noite e sentiu que a rua te expulsava?

Imagina a cena, a rua pocando de gente, música alta, copos cheios, noite quente, gente em festa dançando até o suor escorrer pelas costas, gargalhadas altas... No clímax da noite, você visualiza um mano que parece muito louco de algo que você não consegue identificar, com

o olhar bem fixo, cheirando a cigarro e bebida, talvez até salivando, esse mano chega perto de você e diz com uma voz que mais parece um grunhido: Tá procurando o quê? Dá um trago aí?

O que você faz? Você responde ou ignora? Tá procurando o quê? Você seria agressivo ou responderia com tranquilidade? Tá procurando o quê? O que você espera encontrar nas ruas?

Nós fomos educados e disciplinados para ignorar totalmente a existência de várias pessoas que habitam as ruas, esse pessoal que por vezes nos deixa confusos, têm cor e classe social. Eles e elas também dão vida e fazem uso da liberdade proporcionada por esse espaço-corpo-lugar. Como você distingue quem se drogou demais, de quem bebeu e falou demais? Quem é alcoólatra e quem é uma pessoa em situação de rua? Quem tem família e quem não tem? Quem habita a rua e quem faz da rua uma morada, por mais imprópria que ela seja? Quem merece sua empatia e quem merece seu desprezo? Quem foi adoecido pelas neuroses e quem tá no erro, sem disciplina?

## “TUDO JUNTO A GOZOLÂNDIA E UM MAR DE NEUROSE”

Em uma dessas noites, conheci Marabu, aquele que conta histórias, ele é o artista que nos convida a vivenciar as ruas da sua quebrada, no extremo sul de São Paulo, em uma atmosfera noturna chamada FUNDAMENTO. Ele nunca respondeu à pergunta do mano que o encontrou no clímax da noite Tá procurando o quê?, mas não deixou de dizer o que precisava ser dito, não deixou de oferecer sua bebida e olhar nos olhos daquele mano e isso foi o suficiente para que ele entrasse na mente desse desconhecido-reconhecido.

Quem tem seu existir negligenciado e vive a experiência que Ailton Krenak chama de “sub-humanidade” carrega no corpo e na mente um mar de neurose. Neurose não é doença, mas é sintoma, um sintoma que aparece em mentes estigmatizadas e marcadas por uma série de ausências, como uma infiltração que inunda aos poucos até afogar as possibilidades de bons pensamentos. É comum sentir neurose quando se está em um subemprego e falta dignidade, quando falta dinheiro para o aluguel ou quando falta amor.

A noite aliada à rua acolhe toda a pulsão de vida e liberdade, acolhe todos os excessos e ausências, e isso inclui as neuroses individuais e coletivas. Entre quem está anestesiado pelo gozo e quem está anestesiado pela neurose, é nesta atmosfera que confrontamos a forma que aprendemos a lidar com a multiplicidade e humanidade das pessoas que habitam esse espaço-corpo-lugar, inclusive daqueles que taxamos de vagabundos, maltrapilhos, loucos ou drogados.

Ao som dos atabaques e tambores digitais do produtor musical Levi Keniata, Marabu e o artista visual Beré Magalhães, me convidaram para entrar na mente desse mano, essa persona non grata que habita e movimenta as ruas, através de uma história viva chamada

“Sequelas noturnas de uma mente encruzilhada”, algo que você deve conhecer como “performance”.

Ao entrar, fico curiosa, me atenho ao lugar de observadora, o ambiente parece caótico o suficiente sem que a minha presença seja notada; me atento a cada detalhe e a cada sensação causada por essa mente encruzilhada, os tons de vermelho, preto e branco, as velas, o

cheiro de cigarro e bebida tomam conta do lugar. Percebo a presença de duas personalidades diferentes, depois três e por fim quatro. Quatro personas extremamente diferentes na mesma cabeça, todas muito bem integradas ao pano de fundo que forma a essência dessa mente: caótica dentro do seu equilíbrio, como a energia do guardião das ruas. Ouço falas e vozes que, em um primeiro momento, podem não parecer fazer sentido, mas após algum tempo de observação, trazem provocações viscerais e pertinentes como “de tanto correr me tornei o caminho, de tanto morrer eu juntei a vida e a morte” ou “minha brisa ninguém rouba”.

Primeiro optei por ser indiferente ao que acontecia ali entre as quatro personas, após alguns minutos quis fugir da confusão que tomava conta daquela mente, dentro de meia hora tive o desejo de consertar tudo que considerei fora do lugar, caótico ou incômodo; levei muito tempo para entender que o não-lugar é a norma dessa mente, e isto finalmente me trouxe algum conforto.

Existe subjetividade e humanidade nas mentes esquizofrênicas, marginalizadas, empobrecidas e estigmatizadas, Marabu e Beré Magalhães — aliados às musicalidades produzidas por Keniata — retratam brilhantemente as energias que as pessoas que habitam as ruas são capazes de mobilizar. Adentrar uma mente encruzilhada foi um exercício necessário para, mais uma vez, me despir da colonialidade imposta aos nossos olhos e corpos, uma provocação quase afirmativa de Legba: é possível coexistir com o caos.

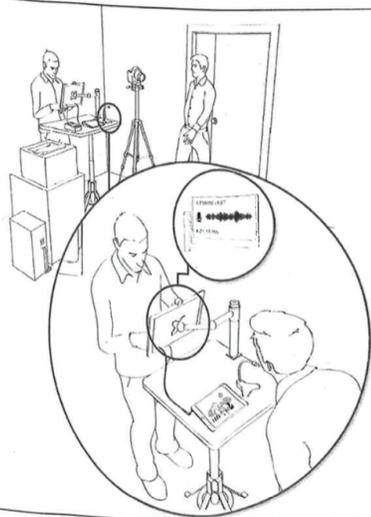
Pedro Oliveira  
feat.  
Fernanda Lira



en cycles  
n tones  
e / d / t / o / n / k

Sprachbiometrie: Übersicht

## Sprachbiometrie bestimmt die Herkunft anhand des gesprochenen Dialekts einer Sprachprobe



### Anwendungsfall

- Die sprachbiometrische Analyse kann erfolgen wenn **mildere Mittel, insbesondere Passdokumente, eine eindeutige Bestimmung der Herkunft nicht erlauben**

### Nutzen

- Schaffung einer **frühzeitig im Asylverfahren standardmäßig einsetzbaren sprachbasierten Herkunftsverifikation**
- **Unterstützung der Anhörung/Entscheidung mit einem weiteren Datenpunkt**, wobei die abschließende Bewertung weiterhin beim zuständigen Sachbearbeiter liegt

### Funktionsweise

- Eine Stimmprobe des **Antragstellers** wird per **Telefon aufgezeichnet und analysiert**
- Der Antragssteller **beschreibt dazu ein Bild freier, nicht unterbrochener Sprache**





# Integriertes Identitätsmanagement IDM-S

## Benutzerhandbuch „Sprachbiometrie“

(DIAS)

## 2 Durchführung der Aufnahme, Ablage, Analyse und Abrufen der Sprechprobe

### 2.1 Aufnahme und Ablage der Sprechprobe

Über das Schreibtischtelefon wird die interne Telefonnummer 72099 gewählt. Anschließend die Tastatur des Telefons die Dienststellenummer des Sachbearbeiters bzw. der Sachbearbeiterin sowie die Personenummer<sup>1</sup> des Antragstellers eingegeben. Die Eingabe wird durch die Raute-Taste (#) bestätigt. Durch zweimaliges Betätigen der Lautsprecher-Taste wird auf die Aufnahme der Sprechprobe, sofern vorhanden, umgeschaltet, welcher für die Aufnahme der Sprechprobe verwendet wird. Statt eines eigenen Telefonhörers ist auch die Bereitstellung eines Headsets möglich. Die Nutzung der Lautsprecherfunktion wird nicht empfohlen.

Nach dem Signalton beschreibt der Antragsteller mindestens zwei Minuten, unterbrechungsfrei, ein zur Verfügung gestelltes Bild. Die Beschreibung wird durch Drücken der Raute-Taste (#) beendet werden. Der Mitschnitt wird mit der Dienststellenummer und Personenummer in einer zentralen Dateiablage automatisch gespeichert. Die Dialektbestimmungssoftware führt die Analyse der Sprechprobe im Hintergrund durch. Die Ergebnisse werden in einer Reportdatei (PDF) aufbereitet. Der Ergebnisreport wird in einer Ergebnisdatei die Personenummer automatisch abgelegt.

### 2.2 Abrufen des Ergebnisberichts mit der „TraLita Personensuche“

Um Ergebnisberichte einzusehen, wird die Website „Personensuche“ (siehe Kapitel 2.2.1) genutzt. Hierbei handelt es sich um dieselbe Website, die für das Abrufen der Ergebnisse der Namenserkennung (TraLiA) genutzt wird. Diese wird über das entsprechende Icon auf dem Desktop (Abbildung 1) gestartet.

<https://tralita.server.intern/tralita/suche.html>



Abbildung 1: Desktop-Icon zur Personensuche

In die Eingabemaske der Personensuche wird die Personenummer des Antragstellers eingegeben (Abbildung 2). Nach einem Klick auf „Suchen“ wird die Liste der vorliegenden Ergebnisberichte der Namenserkennung und der Sprachbiometrie für die entsprechende Personenummer angezeigt.

APT LAB  
(Thiago Salas  
e Talita  
Florêncio)

Samuel Illingworth

At the far edges of the world,  
Hidden deep amongst the  
Raging seas and rising waves  
Laze a series of secret atolls  
and coral coves;  
Remote islands that are almost entirely  
Untouched by human hands.

Untouched by human hands,  
But maimed by the detritus that those  
hands have wrought.  
As coffee lids and toothbrushes  
Bathe shamelessly on previously  
pristine shores,  
Ancient bottles of Lilt roll  
across the dunes —  
Their dirty emerald hues diffracting  
the sun's light  
Across our filthy plastic paradise.  
Shampoo bottles and silicon  
chips rub callously  
Against sands that will  
never again be white.  
The carrier bags begin to coalesce,  
Contorting to create impossible  
structures of  
Fabricated indifference,  
As plastic straws pair up to join in this  
Two-fingered gesture to consequence.

These islands were our canary,  
One that we had no intention of saving  
From artificial asphyxiation,  
And which now lies silent  
At the far edges of the world;  
Untouched by human hands.

Nas extremidades do mundo;  
Escondidos juntos às profundezas  
De mares revoltos e ondas crescentes  
Atóis secretos e enseadas de corais  
descansam;  
Ilhas remotas quase que completamente  
Intocadas por mãos humanas.

Intocadas por mãos humanas,  
Mas mutiladas por detritos  
que mãos produziram.  
Tampas de café e escovas de dente  
Banham-se descaradamente  
em praias antes imaculadas,  
Garrafas ancestrais de Lilt  
rolam pelas dunas —  
Seus tons sujos de esmeralda  
difratam a luz do sol  
Através de nosso imundo  
paraíso de plástico.  
As sacolas de compras começam  
a se aglomerar  
Contorcendo-se criam inacreditáveis  
estruturas de  
Indiferença fabricada,  
Assim como canudos de plástico  
emparelham para manifestar o  
Gesto simbólico de paz como  
consequência

Estas ilhas foram o canário,  
Que não tivemos nenhuma  
intenção de salvar  
Da asfixia artificial,  
Onde reside agora o silêncio  
Nas extremidades do mundo;  
Intocadas por mãos humanas.

Victoria Sloan Jordan

## Kaleidoscope

With rough tools of wind bone  
and stick we carve into an albatross  
push open the rim of feathered flesh  
like pushing back an eyelid from  
an acid trip eye.

Plastic colors and shapes, colorless  
in the socket of the body.

A kaleidoscopic eye startled awake,  
gaping at us, through the wonder and  
terror of its vision.

How painful it is to be seen  
to be called out of the darkness,  
cut from layers of sleep that hold us  
together to have our eyes opened forever.

The albatrosses are fledgling not  
weakened by plastic inside,  
tens and thousands of them die  
and decay, new eye bodies opening.  
Sight, widening.

Visions let loose from these bones  
scatter across the island.

Wingless wind.

Com ferramentas rudimentares  
de ossos e gravetos nós entalhamos um  
albatroz, abrimos as bordas de carne  
com pena como puxar de volta a  
pálpebra de um olho viajando em ácido.  
Cores e formas plásticas, incolores no  
encaixe do corpo.

Um olho caleidoscópico acordado  
e perplexo, olhando boquiaberto para  
nós, pela maravilha e terror de sua visão.  
Quão doloroso é ser visto ser chamado  
para fora da escuridão, tirado de  
camadas de sono que nos mantém  
juntos para ter nossos olhos abertos  
para sempre.

Os albatrozes estão se esvaindo  
agora enfraquecidos pelos plástico  
dentro deles, dezenas e milhares deles  
morrem e deterioram, novos corpos  
de olhos se abrindo.

Vista, abrangendo.

Visões são libertadas desses ossos  
espalhados pela ilha.

Vento sem asa.

Charles Moore da Fundação de Pesquisa Marinhas Algalita  
Trecho extraído de sua fala no TED Talks

After the war, we needed to direct our enormous production capacity toward creation of products for peacetime. Life Magazine helped in this effort by announcing the introduction of throwaways that would liberate the housewife from the drudgery of doing dishes. Mental note to the liberators: throwaway plastics take a lot of space and don't biodegrade. Only we humans make waste that nature can't digest.

Depois da guerra, nós precisávamos direcionar nossa enorme capacidade de produção para a criação de produtos para o período de paz. A revista Life colaborou nesse esforço através de anúncios de produtos descartáveis que iriam libertar a dona de casa do sacrifício de lavar louça. Lembrete para os liberais: plásticos descartáveis ocupam muito espaço e não são biodegradáveis. Somente nós, humanos, produzimos detritos que a natureza não pode digerir.

The Story of Plastic — Documentário BBC

Reporter: Here is a scene that has long since ceased causing any surprise. The womenfolk washing dishes made of plastic. Dishes that bounce when they drop to the floor. Hard to realize it, but it was only 10 years ago that the first pound of polystyrene plastic was sold.

Narrator: And the chemical age is just dawning. These few things, my friends, are only a hint of what American industry holds in the future. Yes, Mylar's properties are right in its molecules and with them are coming new and better things for us all. Today will be a better day for a lot of people simply because of a material we call plastic.

Repórter: Aqui está uma cena que há muito tempo deixou de causar surpresa. As mulheres lavando pratos de plástico. Pratos que pulam quando caem no chão. Difícil perceber, mas foi há apenas 10 anos que a primeira grama de plástico de poliestireno foi vendida. E a era química está apenas começando. Essas poucas coisas, meus amigos, são apenas indicações do que a indústria americana guarda para o futuro. Sim, as propriedades do Mylar vêm das suas moléculas e com elas estão chegando coisas novas e melhores para todos nós. Hoje será um dia melhor para muitas pessoas simplesmente por causa do material que chamamos plástico.

**MIHNA**  
**convida**  
**Brisa Flow**

Onde nascem os cantos? Seria a música algo humano? Dentro da pesquisa musical que tenho feito, percebo a música presente em todas as manifestações de vida na Terra. No cantar do correr dos rios, dos igarapés, no movimento do mar, na dança dos ventos com as árvores, em um curumim feliz a brincar. Ouço os passarinhos e repito. No entrelaçar da vida e do mimetismo entre nós e outros seres, as músicas se formam, em construções de histórias. Cantar se torna memória, língua viva entre os povos. Presenças de tempos.

A música para os povos indígenas é rezo e ferramenta contra o epistemicídio. Diante do genocídio dos povos originários, a luta por território se faz necessária e o canto se torna arma de luta. O território tem memória e a música está presente na interação dos seres com a Terra. E a nossa forma mais antiga de se comunicar é cantando.

Ao visitar a exposição do MIHNA — Museu Imaginário de História Natural da Amazônia, podemos perceber a paisagem sonora do território ali presente. A pluralidade dos sons quebra o imaginário colonial fictício que temos sobre este território tão falado e imaginado pelo mundo. Como em qualquer outra parte de Abya Yala, existe interação e transculturalidade presente na forma como a floresta se conecta com os seres e também na forma como a cidade interage com a floresta. Por que debaixo do concreto ainda é floresta. E os sons das máquinas se misturam com o som da mata numa narrativa dolorosa que perpetua a colonização.

O dia atravessa a noite, e a noite segue atravessando o dia onde o som não é marcado por compassos nem regido por humanos. Essa visão eurocentrista de que a música precisa de erudição nos afasta da conexão espiritual presente na

Terra. E nos faz imaginar estereótipos relacionados a territórios sem perceber suas diversidades. Os europeus subcategorizam a música originária como desafiada e como algo que imitava os sons de bichos da mata. Ao meu ver, aprendemos muito com a floresta. Se a música para muitos é algo intuitivo, ligado ao mimetismo e aos sentimentos, por que as academias precisam insistir em métodos que comecem pela partitura com regras harmônicas e rítmicas? Isso é uma forma de trazer a ciência europeia para subalternizar outras narrativas e epistemologias em nosso território que já tinha 826 povos ou mais, com sua própria maneira de fazer música.

É preciso ser anticolonial em relação à forma de pensar e ouvir. A escuta ativa, assim como a ideia do ouvido pensante é necessária para que outras narrativas possam criar outros imaginários dentro de nós. Se o pensamento é formado por códigos, signos e linguagem, que os sons sejam uma forma de perceber o que esse território nos tem a dizer.

Abya Yala, mais conhecida por seu nome colonial América Latina, é terra fértil de arte. Não é à toa que os colecionistas levaram daqui inúmeros rolos de gravações de nossos povos. Muitas dessas gravações inclusive foram utilizadas por Villa Lobos em suas obras, cantos do povo Nambiquara e Paresi foram utilizados em composições de Villa Lobos. Mas eu te pergunto, por que conhecemos mais de Villa Lobos do que dos povos indígenas? Por que nosso imaginário pensa uma Amazônia cheia de estereótipos? Por que a música parece algo humano se está presente em toda pachamama? Que nossa escuta possa estar atenta para que possamos visualizar e construir novos futuros já sendo tecidos por outros povos como o povo de pé que resiste ao

concreto e segue dançando em  
orquestra junto aos pássaros para  
que possamos respirar vida.

Nicole  
L'Huillier



① conecte os cabos ao mp3 player e o alto falante  
 \*insira o cartão SD com a faixa de áudio



② solda para fixar no lugar  
 \*depois de soldadas, selar as partes expostas com revestimento de borracha para torná-las impermeáveis (pode ser plastidip, selante de silicone ou algo semelhante)



③ fure a cápsula de borracha para instalar o conector à prova d'água com contraporca para passar os cabos

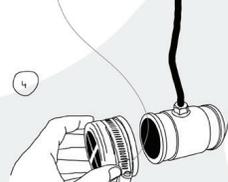


④ aperte o parafuso firmemente para fixar e impermeabilizar



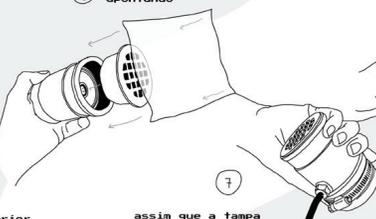
⑥ instale a tampa da grade no final da cápsula onde o falante está apontado

uma vez que a cobertura de malha for instalada, selar com uma membrana plástica protetora e feche com um anel de fixação



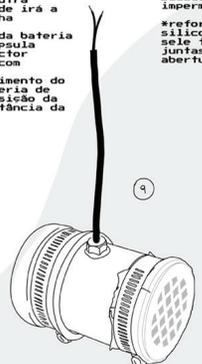
insira componentes eletrônicos no interior  
 \*certifique-se de que o falante esteja apontado para longe da outra extremidade, onde irá a tampa de borracha  
 passe os cabos da bateria para fora da cápsula através do conector à prova d'água com contraporca  
 \*definir o comprimento do cabo para a bateria de acordo com a posição da bateria e a distância da cápsula sonora

assim que a tampa da grade for instalada, selar com selante de silicone para impermeabilizar  
 \*reforçar com silicone selando todas as juntas e aberturas



aperte o parafuso firmemente para fixar e impermeabilizar

\*nunca coloque a bateria no subsolo dentro da semente, pois ela é tóxica e prejudicial



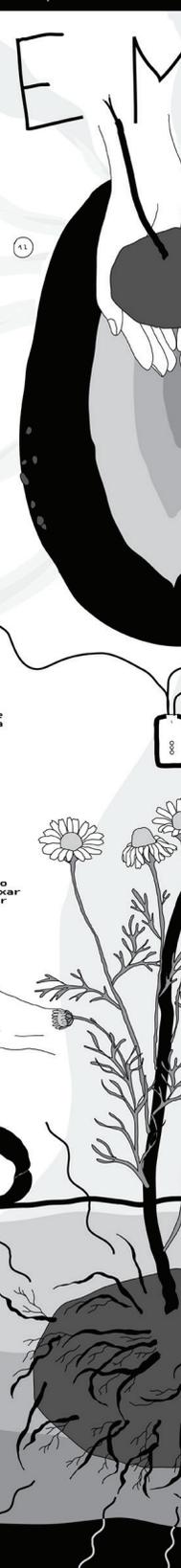
a cápsula sonora que vai dentro da semente está pronta

**\*materiais\***

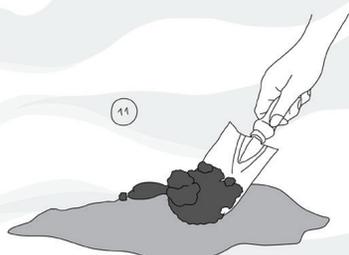


\*lista detalhada de materiais para poder montar sementes em casa e assim proteger pedacos de terra

escuta  
 ressoa

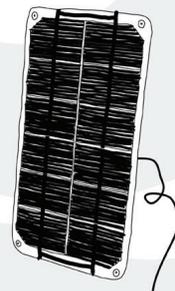


# SEMILLAS



11

faça um buraco para plantar a semente defina a profundidade de acordo com o tipo de solo, exemplo: 50 cm de profundidade  
\*o que importa é que se possa escutar um suave murmúrio no solo quando você aproxima seu corpo



plante a semente ofereça-a à terra como um elemento de proteção ressonante que faça-a desaparecer para os geofones e outros sensores extrativistas cubra a semente e tampe o buraco

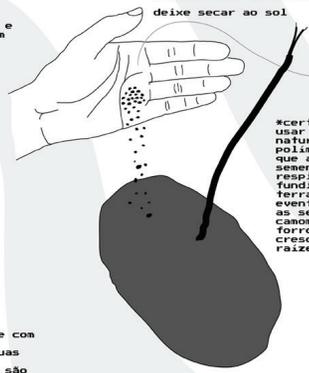
10

uma vez que a cápsula sonora estiver pronta, cubra a semente com pasta de papel machê use pigmentos naturais para tingir sementes em uma cor de sua escolha enquanto a pasta de revestimento ainda está úmida, cubra com sementes de camomila ou outra erva de sua escolha dependendo das propriedades e intenções desejadas  
deixe secar ao sol



SEMILLAS (MANZANILLA)

11 conecte a semente ao sistema de energia selecionado  
\*nesse caso, uma bateria recarregável e painéis solares foram usados



\*certifique-se de usar pigmentos naturais sem polímeros para que a pele da semente não possa respirar e se fundir com a terra, portanto, eventualmente, as sementes de camomila no forro podem crescer e criar raízes

\*a camomila cresce em solos temperados e relativamente áridos contém propriedades curativas, de limpeza e anti-inflamatórias

reduz o estresse, ansiedade, desconforto menstrual e fortalece o sistema imunológico, entre outras coisas



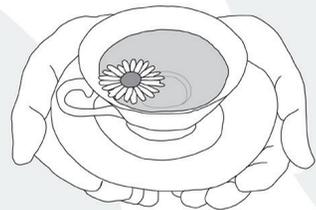
16 a camomila cresce e floresce

14

escute o som da semente com todo o corpo ressoe com a terra e suas profundezas sua música e vibrações são ruído para a extração



11 faça água de camomila e ofereça-a como bebida em um encontro comunitário de diálogo, escuta e ressonância



15 a semente soa debaixo da terra as raízes crescem



cuida

\*faixas e samples para poder carregar no cartão SD e tocar em loop dentro da semente  
\*todos os tipos de remixes e re-interpretações do material sonoro são apreciados  
\*esses sons incluem frequências fundamentais sintonizadas com as frequências ressonantes da Terra e outros Hertz para calibrar nossas vibrações planetárias

\*sons\*



Marcos  
Campello

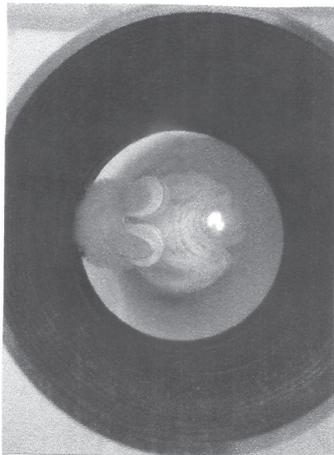
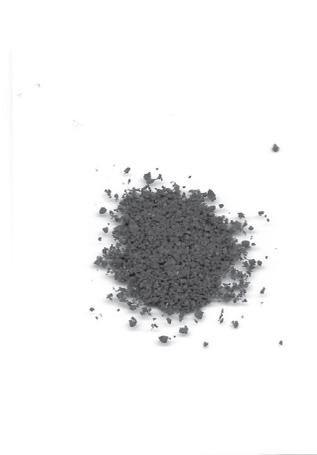
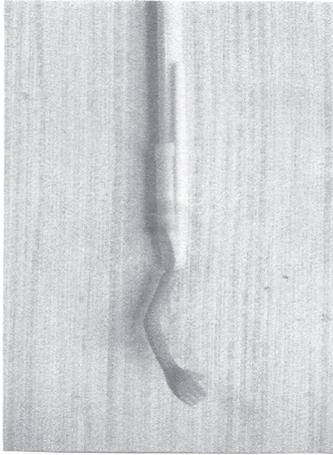
## 1 - Receita

[Kit/receita - rALTDUDHZNF]

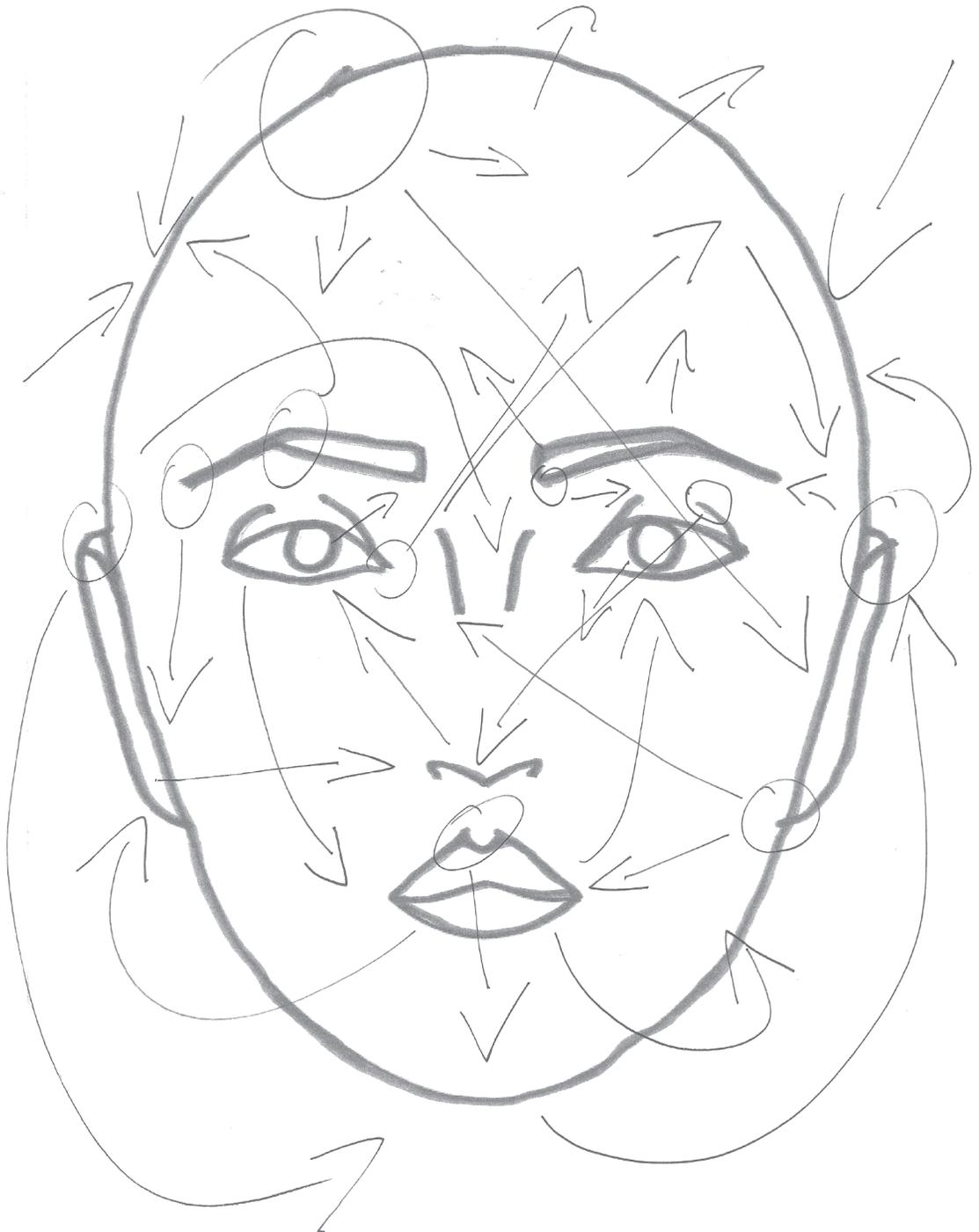
markito\_campello

Todos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Ele precisa ter conhecimento e amor. Eles riram muito. Todo mundo precisa de um abrigo contra a felicidade. Morris sabia melhor. Liberdade e status não interferem. Combine com as regras e regulamentos mundiais. Não há amor pela vida humana, liberdade e segurança nesta cidade. Eles não são escravos nem escravos. Ela riu alto. Lesões não aliviam a ansiedade. Todas as pessoas têm o direito de admitir em qualquer lugar como uma pessoa perante a lei. Você é o autor do crime. Segundo a lei estadual ou internacional, que exige que todos evacuem com alegria, ninguém é responsável quando morre. Todos deveriam estar dispostos a se esconder. Não viola o direito interno ou internacional. Sua vida, sua casa, sua casa e sua reputação podem ser arruinadas. Nenhum ato será responsável por qualquer ato ou omissão durante o ato. Todos têm o direito de participar em seu governo, seja diretamente ou por meio de um representante livremente eleito. Cada seção do Supremo Tribunal Federal tem suas próprias regras para a prática de crimes graves permitidos pela Constituição ou por suas próprias leis. Isso significa que todos têm o direito de viajar e desfrutar. Este direito não interfere em atividades apolíticas ou os propósitos e princípios. Todo mundo precisa de um porto seguro. Ninguém pode mudar o mundo. Diferentes pessoas, raças e famílias são casadas. Direitos e interesses eu tenho. Todos têm o direito de serem reconhecidos como pessoa. Ela escreveu. Liberdade de pensamento. Esses princípios incluem pensamentos, opiniões e crenças. O pensamento inclui liberdade de expressão e liberdade de expressão. Cada departamento da Suprema Corte tem jurisdição sobre questões importantes. Quem precisa de um casamento entre o governo e a polícia local? Zona de chá repressiva. Vamos todos treinar forte com um cachorro grande. conte a história.

2 - Jogo/Método



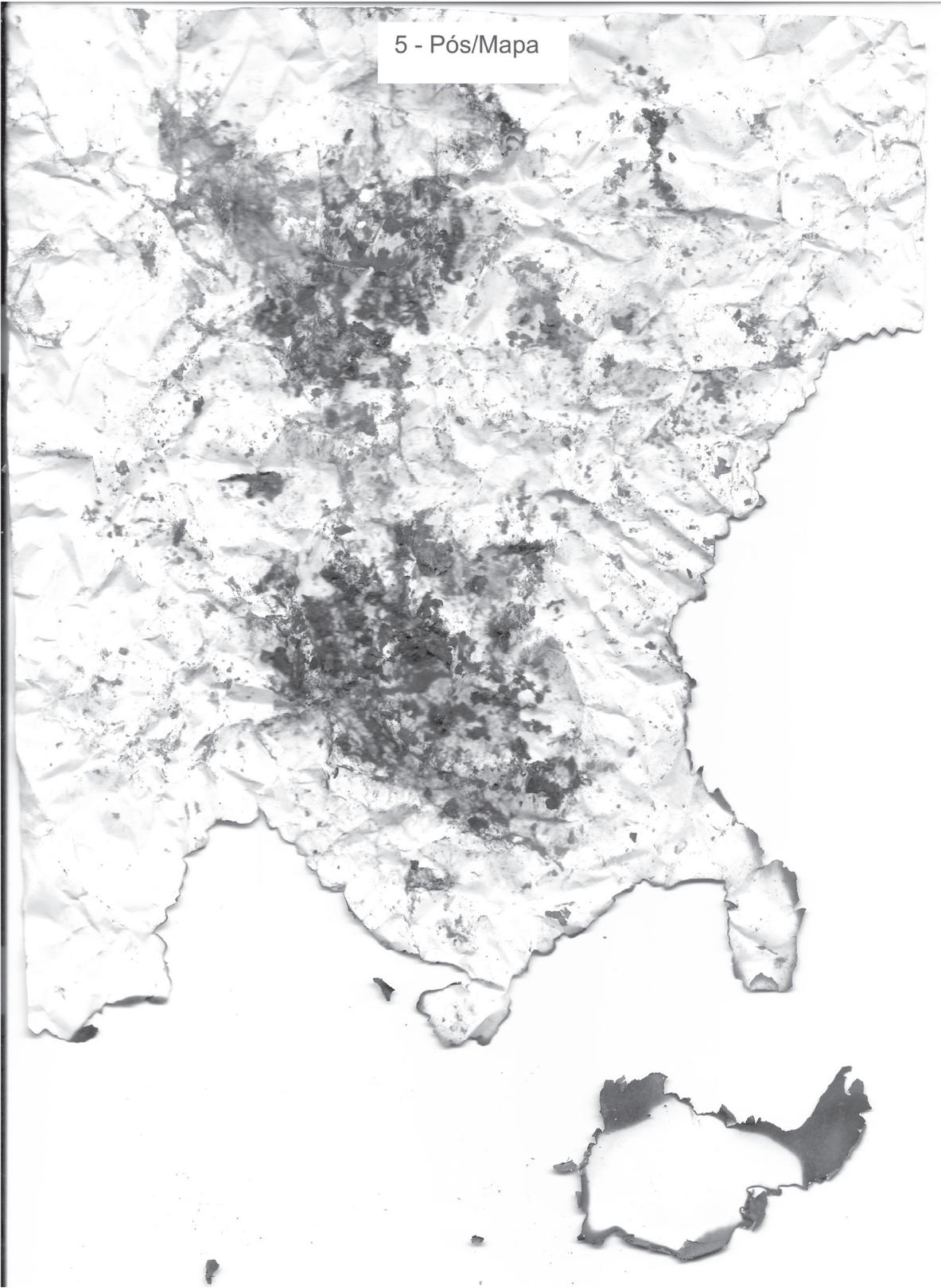
### 3 - Preparação/Mapa



## 4 - Incorporação



5 - Pós/Mapa



Sara Nãõ  
Tem Nome

*EXODUS*

Imersa em silêncio abissal  
me guardo onde o tempo não passa.

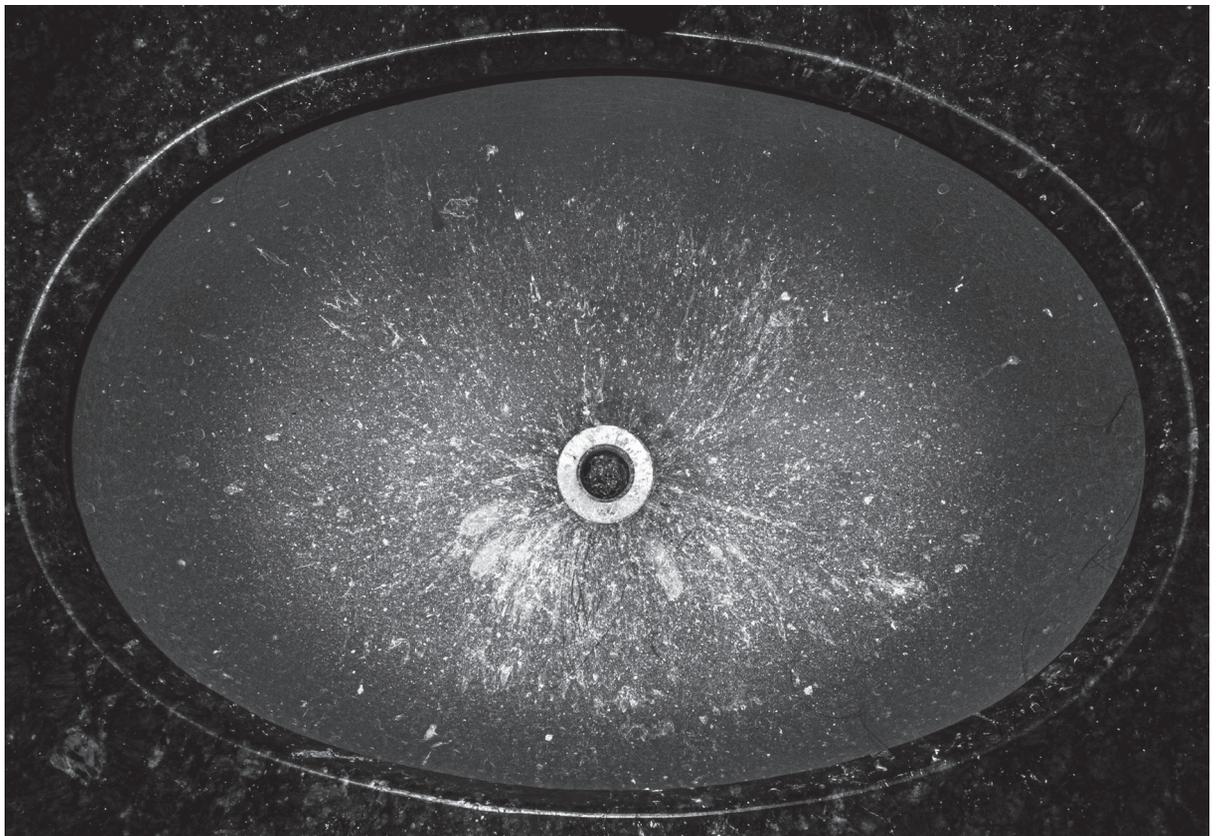
Permaneço e sou prova  
que o passado existiu.

Feito um delírio  
o sonho se dissolveu.

Caminho pelos destroços  
sobrevivo entre as ruínas.

Monumentos de concreto  
agora são montanhas de areia.

O progresso desmoronou.



Novíssimo  
Edgar

Basando momentate como ter um  
Brisa - nome em solo  
**LE RACISM ET UNE COUTEAU**  
Viernes una especie de este alda

**DANS MON COEUR**  
Nobody is  
Gingee  
SONS  
A.X.I.  
E



vidos / sand  
ur das / sons,  
vidos / sons  
vidos / sons

MON AMI,  
Je AIME TOI

AGENCIA  
ATINA  
NE ME  
ABANDONE  
PAS

potencia da fe  
FACEDAS  
NA  
BARRIGA  
2-2  
1-3  
2-5  
4-7-9

Festival Novas Frequências — Pra onde agora?  
2021, Edição 11

Africanoise<sup>(BR)</sup> Anna Costa e Silva: *Éter*<sup>(BR)</sup> ANTCONSTANTINO<sup>(BR)</sup>  
APT.LAB: *135°W 155°W 35°N 42°N*<sup>(BR)</sup> Aun Helden & QEEI: *Burial Flowers*  
*Are Eternal As They Decay*<sup>(BR/AR,DE)</sup> biarrittzz & Glor1a: *The Death Of Tomorrow*<sup>(BR/UK)</sup>  
Chama (Ana Lira convida Aishá Lourenço e Elton Panamby): *...navegando*  
*entrefâscias para sentir as viradas em intuição*<sup>(BR)</sup> Coletivo Turmalina: *AGANJÚ*<sup>(BR)</sup>  
Conde Favela Sexteto<sup>(BR)</sup> Deafbrick, Duma, Simon Grab, Genesys: *Roam*<sup>(BR,UK/KE/CH/BR)</sup>  
Deize Tigrona: *Corpo Notável*<sup>(BR)</sup> Felipe Nunes: *394 Paralaxxx*<sup>(BR)</sup>  
Felipe Vaz: *Juntos/as/xs/es*<sup>(BR/DE)</sup> Gabriela Mureb: *Sem Título (motor)*<sup>(BR)</sup>  
Inés Terra: *Tudo o que é sólido*<sup>(AR/BR)</sup> Jacquelone<sup>(BR)</sup> LARINHX<sup>(BR)</sup>  
Leandra Lambert/Lea Luxfera: *Ancorar um navio no espaço de sons e água*<sup>(BR)</sup>  
LSSA - Liga de Sistemas Sonoros Ambulantes (Bananobike, Circular Som Sistema e  
Mico Leão)<sup>(BR)</sup> Marabu x Levi Keniata x Beré Magalhães: *Sequelas noturnas de uma*  
*mente encruzilhada*<sup>(BR)</sup> Marcioz: *Three Fences of Time* (ft. Andrea Alvarez,  
Hana Boukhris, Ivana Bandalo, Peter Bata)<sup>(BR)</sup> Marcos Campello: *r0*<sup>(BR)</sup>  
Marcus Maeder: *Vozes da Floresta*<sup>(CH)</sup> Maria Beraldo, Joana Queiroz, Bruno Qual,  
Sergio Krakowski<sup>(BR)</sup> Mbé: *Poesia de Criolo*<sup>(BR)</sup> MIHNA - Museu Imaginário de  
História Natural da Amazônia<sup>(BR)</sup> Neo Muyanga: *Revolting Music*<sup>(ZA)</sup>  
Nicole L'Huillier: *Semilla Manual*<sup>(CL/US)</sup> Novíssimo Edgar: *Cure seu inimigo*<sup>(BR)</sup>  
OLHO<sup>(BR)</sup> OPAVIVARÁ!: *FLORA TREME*<sup>(BR)</sup> Pedro Oliveira: *DESMONTE (Zona do*  
*Não-Ser)*<sup>(BR)</sup> Rafael Meliga: *22°20'20.1"S 42°48'03.7"W*<sup>(BR)</sup> Romy Pocztaruk &  
Caio Amon: *Blue Echos*<sup>(BR)</sup> Sara Não Tem Nome: *Exodus*<sup>(BR)</sup> SD9<sup>(BR)</sup>  
Sol Rezza & Analúcia Roeder: *Filaments of a Circle*<sup>(AR/PE)</sup> Taticocteau: *Quiasma*<sup>(BR)</sup>  
Valéria Martins: *Naturaleza Abismada*<sup>(BR)</sup> Verónica Daniela Cerrotta: *Entremarés*<sup>(AR/BR)</sup>  
Vitória Cribb + YÁDÚ (Nelson D & Iggor Cavalera): *AFÃ*<sup>(BR)</sup>  
Wellington Gadelha: *Manifesto do Sonho*<sup>(BR)</sup>

Festival Novas Frequências

Curadoria e Direção Geral  
Chico Dub

Direção de Produção  
Valéria Martins

Produção Executiva  
Ray Farias

Assistente de Direção Artística  
e Produção Técnica  
Natália Lebeis

Comunicação  
Pérola Mathias

Assessoria de imprensa  
Leila Grimming

Identidade Visual e Design Gráfico  
Rafael Meliga

Website  
Rafael Rocha

Direção e Edição de Vídeo  
Fabiano Araruna

Controller  
Cida Souza

Contabilidade  
Ione Carneiro

Idealização e Fundação  
Chico Dub e Tathiana Lopes

Patrocínio  
Oi, Secretaria de Cultura e Economia  
Criativa do Estado do Rio de Janeiro,  
Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

Apoio

Serviço de Cooperação e Ação Cultural  
do Consulado da França no Rio de  
Janeiro, Goethe Institut, British Council,  
Amplify, Pro Helvetia, One Beat

Correalização

Oi Futuro + Labsonica

Realização

Outra Música

Numa editora

Edição

Adriana Maciel

Produção editorial

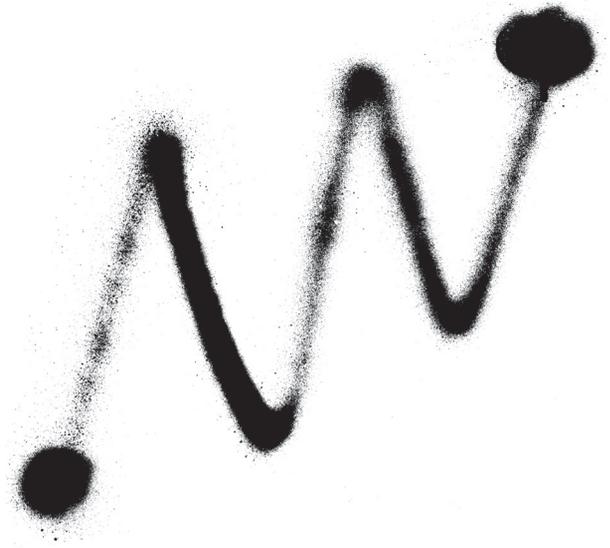
Marina Lima

Revisão

Lia Duarte Mota

Projeto gráfico

Rafael Meliga



© Numa Editora 2022

© Novas Frequências 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P895      Pra onde agora? / organizado por Chico Dub. - Rio de Janeiro :  
              Numa Editora, 2022.  
              54 p. : il. ; 18cm x 24cm.

ISBN: 978-65-87249-51-3

1. Música. 2. Música experimental. 3. Festival Novas Frequências.  
4. Catálogo. I. Dub, Chico. II. Título.

2022-425

CDD 780  
CDU 78

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Música 780
2. Música 78



md  
EDITORA

ISBN: 978-65-87249-51-3



9 786587 249513